

Poema : A Mãe de Deus

(Sri Aurobindo, 1945)

Um poder consciente e eterno está aqui
Por trás da infelicidade e do nascimento mortal,
Do erro do Pensamento e do caminhar penoso
e tropeçante do Tempo.

A Mãe de Deus, sua irmã e sua esposa,
Filha de sua sabedoria, de seu poder a
companheira,

Ela irrompeu do peito secreto do
Transcendente

Para construir o arco-íris de seus mundos de
mente e de vida.

Entre a Luz absoluta supraconsciente

E a vasta labuta irrefletida/sem pensamento do
Inconsciente,

Nos giros e na rotina do sono da Matéria

E na moção sonâmbula das estrelas,

Ela impõe ao Vazio gelado e recalcitrante

Sua aventura da vida, os sonhos apaixonados
de seu desejo.

Em meio ao trabalho de Poderes mais
obscuros, ela está aqui

Para curar os males e os erros do Espaço

E mudar a tragédia do mundo ignorante
Em uma divina Comédia de alegrias
E no sorriso e no êxtase da beatitude de Deus.
A Mãe de Deus é a mestra de nossas almas;
Nós somos os companheiros do nascimento
d'Ele no Tempo,
Herdeiros, nós compartilhamos Sua eternidade.

Agenda da Mãe

15 de novembro 1966, pág. 272

Há a sensação muito forte – muito forte – de um Poder ... que este Poder que desce é tão formidável em relação a ... Oh! Como tudo parece tão pequeno, tão diminuto, sem força, sem generosidade, sem amplidão, em comparação. Não é, eu vejo uma quantidade considerável de gente, e de vez em quando há algo como um raio bem pequeno ou uma gota d'Isto que cai, então a pessoa que está lá se põe a tremer! Ela não sabe porque, ela se põe a tremer. Então? ...

Mas há as crianças. Elas são tão inocentes! Há essa pequena Astha que vem todas as manhãs (foi ela quem decidiu, eu não podia dizer não! Ela disse “Eu venho”), ela vem todas as manhãs. No início, ela fazia um pranam, mas um pranam sério: ela ficava lá movendo sua cabeça nos meus pés!

Mas agora ela achou outra coisa: ela chega, não diz nada a ninguém, olha as pessoas que estão presentes e, depois, quando vê que elas estão bem ocupadas, ela entra embaixo da mesa (da Mãe) e pega minha mão e começa a brincar: ela a beija, a gira, a puxa. E quando acaba desse lado, ela vem para o outro lado! ... E com uma alegria e uma confiança tão bonita, tão bonita, tão confiante: “Oh! Como isso é divertido”!

Isso, é amável.

As crianças são assim.

Outras, quando entram, se põem a gritar imediatamente. Elas entram, elas não podem suportar: não podem, não querem, é uma espécie de fúria que entra nelas (elas são bem poucas).

Mas elas são muito espontâneas, e as que estão aqui, elas vêm, se colam aos meus joelhos, volteiam, rolam, não querem mais se ir!

Eu me lembro de certas experiências de antigamente (bem no começo, ao menos dois anos antes de vir aqui pela primeira vez). Eu não conhecia Sri Aurobindo, mas conhecia o “Cósmico” e eu estudava, trabalhava o ocultismo, bem seriamente (eu tampouco conhecia Théon) e estava inteiramente em minhas próprias experiências. Era em Paris. Eu passeava de ônibus ou de metrô e havia pessoas (não apenas uma vez: muitas vezes), uma mulher, por ex, com sua criança:

a criança deixava a mãe bruscamente (crianças de 3 – 4 anos, muito jovens, que começavam a correr) e vinha (isso aconteceu muitas vezes); eu estava simplesmente em minha meditação, não prestava atenção a nada nem a ninguém; de repente uma criança se soltava da mãe, vinha, poff! E se colava a mim, assim, agarrada a meus joelhos. Então a mãe pedia desculpas, ela acreditava que era muita falta de educação! Mas eu dizia: “Não! Está tudo bem!”

Eu me lembro, aconteceu muitas vezes. E eu tinha a impressão que quando estava tranquila, era algo (que não era, de nenhum modo, humano) que estava aí e que agia tranquilamente por meu intermédio (eu nem me ocupava disso) e que fazia isso. Eu tinha essa impressão bem clara. Eu havia mesmo feito experiências nesse período; por ex, uma vez em um ônibus havia um homem que estava crispado e que chorava; via-se que estava extremamente infeliz.

Então, eu não me movia, não parecia grande coisa, mas eu via essa “Força” que ia em direção ao homem e depois, pouco a pouco, a pessoa relaxava, tudo se acalmava e ele se tranquilizava. Isso também aconteceu muitas vezes. E foi assim que eu soube... porque naquele período eu ainda não era muito informada; eu sentia sempre o Poder no alto, mas não sabia o que era – havia uma “Força” que vinha assim, que agia, tranquilamente. E agora, é a mesma coisa, somente é plenamente consciente;

é a mesma coisa: é algo que se apodera do corpo. O corpo participa (quer dizer que ele não sente de nenhum modo o que ele “faz”, ele quase que não se sente), ele tem apenas a consciência de uma... oh! De uma vibração tão cálida, tão doce e, ao mesmo tempo, tão terrivelmente poderosa! Que vem assim e ele não necessita querer nem tentar nada: ele não pensa, não procura, não se move (a Mãe faz o gesto de banhar-se inteiramente no Senhor): é espontâneo e natural.

E algumas vezes ele (o corpo) está cansado ou há algo que não está bem, ou ... (isso provém sempre de um contato de fora; eu vejo depois, eu sei depois qual foi a causa; no momento há apenas um mal-estar ou uma desorganização), então, naquele momento, oh! É inteiramente o abandono de uma criança confiante em... alguma coisa... que está em todo lugar, em torno dela, dentro dela, aí, assim (gesto de estar envolvida).

E a aspiração do corpo é somente: “que só Isso exista.” Todo o resto ... ouf! Não é absolutamente nada, é atravancador. “Que só Isso exista... se só Isso existisse, que mundo maravilhoso seria!”

É assim que ele sente. Todo o resto é penoso, tão franzino, tão seco, como uma representação ruim.

E então, o que se torna inteiramente cômico, deveras divertido, cômico, é ... (a Mãe incha as bochechas) quando o ego se incha! Oh! Lá-lá... os egos que se afirmam, que vêm dizer: “eu quero, eu não quero, eu decidi ...” Oh!, isso, mon petit, é o big fun! (a grande comédia) e que não veem de nenhum modo, que eles são marionetes.